



OS “ESTRANHOS” E “NÓS”: MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS SOB AS LENTES DE ZYGMUNT BAUMAN

Elisiane Dondé Dal Molin¹

Angelo Ricardo Christoffoli²

Yasmin Lenz Piccoli Castelli³

Resumo: O presente constructo se propõe a trazer uma contribuição sobre os movimentos migratórios, com base na visão de Zygmunt Bauman. Desta forma, o objetivo geral do estudo é propor uma discussão acerca dos movimentos migratórios, tendo como mote o escopo teórico e filosófico tecido por Zygmunt Bauman, com base em aspectos relacionados por ele sobre a sociedade, a globalização e a conexão entre mobilidade e localidade. Nesse intuito, faz-se necessário tecer considerações a respeito de tais movimentos, via reflexões acadêmicas baseadas no autor e textos deixados pelo sociólogo.

Palavras-Chave: Movimentos Migratórios; Zygmunt Bauman; Sociedade; Globalização; Mobilidade.

1 Universidade do Vale do Itajaí (Univali) – elisianed@univali.br – <https://orcid.org/0000-0003-3853-0798>

2 Universidade do Vale do Itajaí (Univali) – a.christoffoli@univali.br – <https://orcid.org/0000-0002-7202-6547>

3 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – yasminlenzp@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-0927-7658>

“STRANGERS” AND “US”: MIGRATORY MOVEMENTS UNDER THE LENSES OF ZYGMUNT BAUMAN

Abstract: *The subject of this work is migrants, and its objective is to propose a discussion on the attempts to signify migratory movements, using the theoretical and philosophical scope wrote by Bauman, supported in aspects related by him about society, globalization and the connection between mobility and location. It's also necessary to make considerations around such movements, through academic reflections based on the author and texts left by the sociologist.*

Keywords: *Migration Movements; Zygmunt Bauman; Society; Globalization; Mobility.*

Introdução

O trânsito de pessoas, voluntárias ou não, constitui-se em uma realidade do mundo líquido e globalizado. Quase todos os países estão relacionados a esse movimento e diferentes são os autores e as teorias que apresentam argumentos e explicações acerca do fenômeno. Buscando contribuir com as pesquisas focadas nos movimentos migratórios atuais, o presente texto está centrado nas ideias de um autor que acompanhou tais movimentos sociais, como observador e parte deles: Zygmunt Bauman.

Bauman (1977; 1999; 2001; 2005; 2014; 2017) teve uma profícua e contínua produção acadêmica ao longo das últimas décadas, repleta de contundentes argumentos sobre as movimentações humanas, caso das adjetivações (categorias) dos “locais” e os “globais”, os “estranhos” (desconhecido) e “nós” (familiar), facetadas estruturadas pelo sociólogo e filósofo quando pensou na globalização e no ir e vir dos indivíduos: corpos entregues ao deslocamento, voluntário ou forçado. Portanto, a constante demanda de melhor compreensão dos fluxos humanos na contemporaneidade originou a presente proposta de estudo, cujas bases são as premissas ou “lentes de reflexão” fornecidas pelo referido autor.

Sobre tal indagação, independentemente das perspectivas geradas a respeito da tentativa de se definir situações como deslocado, migrante, migração, imigrante, refugiado e asilado, parte-se da noção de que as migrações são tão antigas quanto a própria humanidade. Contudo, o fenômeno assumiu proporções únicas, inscritas em um regime multipolar, dinamizado pelo mundo líquido da globalização, que tornou as fronteiras geográficas porosas, devido aos constantes fluxos comerciais ocasionados pela flexibilização do capital e do mercado. Esses aspectos tornaram as relações humanas, em certa medida,

um encontro de estranhos, entre o “familiar” e o “outro”, fenômeno singular gerador de medo e afastamento, mediante o desconhecido e a necessidade do distanciamento.

Bauman (2017) reflete sobre os “outros”, “estranhos” que batem à nossa porta, fugitivos da guerra e das asperezas de uma existência vazia, sem perspectiva, na busca de uma chance, o pequeno farol condutor das suas vidas para uma condição melhor. Uma esperança concentrada na permissão de entrada e posterior acolhida, em um território que poderá vir a ser seu novo lar.

Vale ressaltar que, muitas vezes, o processo de acolhida humanitária tende a ser complexo, envolvendo negociações entre inúmeros atores governamentais, na decisão sobre a vida desses “estranhos”; e a complexa interação entre países e instituições acaba por não suprir as necessidades de todas essas pessoas, parte do movimento migratório e que desejam melhores condições de vida.

Diante destas observações, tão profundas quanto necessárias, constrói-se a problemática deste tentame, ao se desenvolver certos questionamentos através das lentes fornecidas pelo autor: 1) Como os ensaios deixados por Zygmunt Bauman elucidam a migração e a complexidade que tais deslocamentos implicam? 2) Qual a compreensão acadêmica do tema, quando considerados textos sobre essa perspectiva produzidos a partir de Bauman? 3) Que relações podem ser pontuadas entre este fenômeno empírico, a sociedade, a globalização, a conexão mobilidade/localidade (pontos elencados por Bauman) e os movimentos migratórios atuais?

Dada a problemática exposta, o objetivo deste artigo é propor uma discussão acerca dos movimentos migratórios, tendo como mote o escopo teórico e filosófico tecido por Zygmunt Bauman, em três aspectos por ele abordados: sociedade, globalização e a conexão entre mobilidade e localidade. Na investidura de resposta, desenvolvem-se os seguintes objetivos específicos: explicitar, na perspectiva do escopo teórico e filosófico de Bauman, seus posicionamentos a respeito da sociedade, da globalização e da complexa conexão mobilidade/localidade; expor alguns postulados acadêmicos gerados a partir de Zygmunt Bauman em relação a esses deslocamentos humanos e; debater os pontos explorados por Bauman (sociedade, globalização, conexão mobilidade/localidade) e pelas notas acadêmicas analisadas, em uma reflexão crítica sobre movimentos migratórios atuais e suas tentativas de entendimento.

No cumprimento dos objetivos propostos, a pesquisa assume caráter teórico, cuja base se alicerça nos escritos deixados por Bauman (1977; 1999; 2001; 2005; 2014; 2017) e em alguns trabalhos escritos a partir do pensamento baumaniano sobre o tema pautado no artigo.

Assim, o trabalho trará, em sua primeira seção, perspectivas teóricas e filosóficas relacionadas por Zygmunt Bauman (1977; 1999; 2001; 2005; 2014; 2017), sobretudo os posicionamentos que se reportam à sociedade, globalização e à conexão existente entre a mobilidade e a localidade, inerentes à complexidade dos deslocamentos humanos. Na segunda seção, serão pautadas algumas reflexões geradas em ambiente acadêmico sobre migrações e a sociedade atual, em consonância à sua fluidez característica da “modernidade líquida”, descrita por Bauman. Finalmente, a terceira seção tentará demonstrar as ligações existentes entre sociedade, globalização, conexão mobilidade/localidade, pontos estes elencados pelo autor supracitado, inseridos nos movimentos migratórios atuais.

1 SOCIEDADE, GLOBALIZAÇÃO, MOBILIDADE E LOCALIDADE: A MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN

Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo contemporâneo, proporcionou olhares únicos sobre a humanidade, as relações sociais e as leituras de mundo. Em sua última obra, intitulada *Estranhos à nossa porta* (2017), o autor fala sobre a “crise” migratória, suas implicações e a percepção social sobre o fenômeno, por meio da dicotomia entre os “estranhos” (desconhecido) e “nós” (familiar), em uma alternativa de compreender crises humanitárias, meio à “modernidade líquida”. Voltando-se para o cumprimento do primeiro objetivo específico do trabalho, este centra-se em compreender o escopo teórico tecido por Zygmunt Bauman e suas reflexões sobre a construção da “modernidade líquida”.

Mas, quem foi Zygmunt Bauman? Falecido em 2017, Bauman nasceu na Posnânia (1925), tendo escapado do holocausto dos judeus poloneses na Segunda Guerra Mundial, ao fugir com sua família para a Rússia, em 1939. Após a guerra, retornou à Polônia, filiou-se ao partido comunista e estudou na Universidade de Varsóvia, tornando-se, mais tarde, parte do corpo docente da instituição. Entretanto, uma nova onda de antissemitismo forçou-o ao exílio em Israel. Três anos depois, foi convidado para o cargo de chefe do Departamento de Sociologia na Universidade de Leeds, na Inglaterra, país onde permaneceu até sua morte (Pallares-Burke, 2004).

No ambiente acadêmico, Bauman é considerado um dos líderes da chamada “sociologia humanística”, pois, em suas obras, encontra-se o cruzamento de ideias que ajudam na compreensão da complexidade humana, ao atingir, segundo Pallares-Burke (2004: 202), “[...] um público composto de pessoas comuns ‘esforçando-se para ser humanas’ num mundo mais e mais desumano”.

Elas expõem lados diferentes de discussões acerca da globalização, sociedade de consumo, comunidade, individualidade etc.

O caráter da “sociologia humanística” de Bauman (2005) transcende as barreiras acadêmicas, ao ponto de o autor vivenciar uma situação de fuga de seu país natal, ser privado da cidadania polonesa e ter sua identidade nacional negada. Bauman (2005), na condição de judeu, sofreu perseguição em seu país de origem, episódio comentado na obra *Identidade*, quando afirma que a perseguição sofrida fez com que fosse despertada uma consciência sobre o fato de o “pertencimento” e a “identidade” não terem “a solidez de uma rocha”, mas se apresentarem como algo negociável e revogável.

Pela construção desta trama, fruto da análise feita pelo autor do legado de grandes clássicos (Hegel, Marx, Bacon, Weber, Kant, Durkheim etc.), e das pesquisas que realizou na função de professor da Universidade de Leeds, Zygmunt Bauman direcionou olhares para a sociedade e o indivíduo, sobretudo enquanto testemunha ocular do fim da Guerra Fria e do destaque dado a um termo tão corriqueiro nos dias atuais – globalização.

Em seguida, seu raciocínio liga a “identidade” ao cotidiano de milhares de refugiados e migrantes no processo de globalização:

Aconteceu que, entre os vários problemas conhecidos como “minha identidade”, a nacionalidade ganhou uma proeminência particular. Eu compartilho essa sorte com milhões de refugiados e migrantes que o nosso mundo em rápido processo de globalização produz em escala bastante acelerada. Mas a descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era “líquido-moderna” (Bauman, 2005: 18).

Segundo o sociólogo, no fim dos anos 2000, a “globalização” estava na ordem do dia, palavra da moda transformada em lema. Para alguns, era o que deveríamos fazer se quiséssemos ser felizes, ou, ainda, o destino do mundo que afetava a todos. Todavia, palavras da moda tendem a se tornar “opacas”, “cânones inquestionáveis”, e globalização não era exceção à regra (Bauman, 2005).

A globalização trouxe consigo o movimento, mesmo quando estamos fisicamente imóveis, pois, para Bauman (1999: 08) “[...] imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais”. Mas, onde estaria a desigualdade? Justamente nas relações pessoais que constroem as interconexões humanas na

sociedade: ricos e pobres, nômades e sedentários, “normais” e “anormais” ou aqueles à margem da lei.

A liberdade de movimento implica a mobilidade do capital, abolindo as noções de tempo, de espaço, o dever de contribuir para a vida em comunidade, ou “[...] a experiência da comunhão entre o eu e o Outro”, como Bauman (1999: 16) sinaliza. Surge uma assimetria entre a natureza extraterritorial do poder e a territorialidade da vida, em que o poder é livre para mudá-la e abandonar suas consequências (o maior desejo da mobilidade na flutuação do capital).

O trânsito de capitais, somado à velocidade dos meios de comunicação e dos transportes, modificou as percepções de longe e de perto, do local e do movimento. O autor continua suas afirmativas ao classificar a oposição “longe-perto” em outra dimensão: a dicotomia de certeza e incerteza, porque estar “longe” significa estar com problemas, e o “perto” é a vida que segue habitualmente.

Ao ponderar sobre a afinidade dos indivíduos, o sociólogo descreve que a globalização acentuou as diferenças entre a “classe alta” (Primeiro Mundo, chamada por ele de turistas), capazes de transpor distâncias e se eximir dos embaraços enfrentados pela “classe baixa” (Segundo Mundo, chamada de vagabundos), que vive no espaço repleto de infortúnios e desigualdades, presa ao tempo vazio, que se arrasta lentamente (Bauman, 1999).

Se a principal característica da civilidade é a capacidade de interagir com estranhos sem condenar os traços de sua singularidade/identidade, como se percebe então a proximidade sob a forma da ameaça do “estar junto”? Em uma fase mais reflexiva, Bauman (2001) direciona suas análises na compreensão do mundo atual em meio à globalização, ao movimento e à consequente fluidez nas relações. Aqui, identifica-se a origem da tese dele sobre a “modernidade líquida”.

Em linguagem metafórica, associa-se a fluidez à mobilidade e à inconstância, tendo o pressuposto de que a leveza se torna sinônimo de rapidez. Os fluidos se movem facilmente, são de difícil contensão, vencem obstáculos, dissolvendo-os ou transpondo-os, enquanto permanecem intactos. Essa capacidade de adaptação indica para Bauman (2001) a concepção da própria modernidade, que passou a dominar a ordem humana.

O autor coloca que a “modernidade líquida” é o “derretimento dos sólidos”, no sentido do enfraquecimento das instituições sólidas criadas na modernidade. Desta forma, as relações da modernidade líquida estariam “[...] nuas, desprotegidas, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios” (Bauman, 2001:10-11), considerando, na visão do autor, a flexibilização econômica e a liberalização do mercado um dos maiores efeitos da modernidade líquida, que

tendem a deixar as relações entre o trabalhador e a empresa extremamente frágeis para o trabalhador, o qual fica submisso a uma riqueza que se move (Bauman, 2001).

Dois pontos podem ser sopesados nesta nova fase da modernidade: 1) o colapso do padrão moderno, de uma “crença alcançável”, um “Estado de perfeição a ser atingido”, uma “sociedade justa” e; 2) a “desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes”, por meio da fragmentação do adágio de uma sociedade coletiva, transpondo-se para o individual, trazendo uma visão dos “direitos humanos” e deixando obsoleta a avantesma de uma “sociedade justa” (Bauman, 2001: 42).

A sociedade é esta modernidade líquida que liberta as pessoas dos moldes antigos, para condicionar novas realocações, fruto dos esforços individuais, na tentativa de encontrar o nicho apropriado e ali se encaixar (Bauman, 2001). Aqui o “eu” começa a ver o “outro” como um estranho, um concorrente, passível de comparações e preconceções, ou, ainda, rótulos indicativos de uma proximidade ou do afastamento imediato.

O autor identifica um novo foco de reflexão dentro desta abordagem, no paralelo “patriotismo”, “nacionalismo” e estrangeiros. A conversa feita entre os três conceitos é de suma importância para compreender o pensamento de Bauman (2001) sobre a situação do estrangeiro do mundo líquido-moderno. Segundo este, o nacionalismo interpreta o pertencer a um Estado, um grupo, algo natural, não enxergando a possibilidade de pessoas estarem deslocadas e desprovidas de nacionalidade.

Enquanto na ótica do patriotismo há uma capacidade de enxergar no outro algo plausível a fazer parte, “[...] devorar os estrangeiros, de modo que sejam assimilados pelo corpo de quem devora e se tornem idênticos às outras células” (Bauman, 2001: 219), constata-se a utopia de como os estrangeiros poderiam ser aceitos ao ponto de se tornarem parte igual daquele organismo (raramente nos casos empíricos). As reações aos estrangeiros tendem a se voltar para o nacionalismo, buscando conservar o “nós”, como forma de autoproteção contra os estrangeiros, “[...] quando o desejo de comunidade se expressa como rejeição dos imigrantes e outros estranhos” (Bauman, 2001: 224).

Esses choques entre o nacionalismo, patriotismo e os estrangeiros ocorrem com mais frequência nos altos da “modernidade líquida” descrita por Bauman (2001), fato explicado na crescente fragilidade do Estado-nação, fazendo-o propor a ideia de um “depois do Estado-nação”.

Segundo Bauman (2001), a liquidez acelerou processos pelas questões econômicas e debilitou relações e instituições, tal como o Estado, tido na

modernidade como o maior protetor de sua população, o provedor de políticas públicas e o garantidor de segurança. Já na modernidade líquida, o Estado-nação entrou em crise quanto a esse papel, trazendo maior vulnerabilidade e insegurança para seus dependentes, o que tende a causar o fenômeno dos “estrangeiros”, pessoas que ficaram à mercê de seu Estado de origem e acabam por procurar em outros Estados alternativas de sobrevivência (Bauman, 2001; 2005).

A crise do Estado, que Bauman (2001) intitula de “Depois do Estado-nação”, nas últimas partes do livro *Modernidade Líquida*, caracteriza uma nova fase, na qual “a nação tem pouco a ganhar com sua proximidade do Estado”. O Estado passou a se interessar, não em prover qualidade, e, sim, em exercer atração “sobre as forças friamente mercenárias do capital global”. Forças estas que, ao decorrer da liquidez da vida moderna, além de separarem o Estado da nação, causando um “Estado de crise”, de instabilidade e insegurança, provocam punições econômicas aos governos que não atendem às leis do mercado.

Nas palavras de Bauman (2001: 231-232),

Governos insubordinados, culpados de políticas protecionistas ou provisões públicas generosas para os setores “economicamente dispensáveis” de suas populações e de não deixar o país à mercê dos “mercados financeiros globais” e do “livre comércio global”, têm seus empréstimos recusados e negada a redução de dívidas; as moedas locais são transformadas em leprosas globais, pressionadas à desvalorização e sofrem ataques especulativos; as ações locais caem nas bolsas globais; o país é isolado por sanções econômicas e passa a ser tratado por parceiros comerciais passados e futuros como um pária global; os investidores globais cortam suas perdas antecipadas, embalam seus pertences e retiram seus ativos, deixando que as autoridades locais limpem os resíduos e resgatem as vítimas.

Os estrangeiros são corporificações dos resíduos e vítimas do desastre econômico causado em seus países, como os “governos insubordinados” citados anteriormente, por terem a necessidade de intentar melhores condições de vida. Na obra *Estado de Crise*, de Bauman e Bordoni (2014), também se identifica tal posição, na intrigante metáfora alusiva aos estrangeiros (por meio dos movimentos migratórios), com latas de lixo e as forças globais. Os autores comparam as cidades contemporâneas a uma grande lixeira, em que os poderes globais jogam todos os problemas criados para alguém solucionar, sendo a migração em massa

um deles: fenômeno global causado por forças igualmente globais que coloca as pessoas em movimento, obrigando-as a se deslocarem ou sucumbirem.

Numa perspectiva particular, permeada pela filosofia e pela sociologia, Zygmunt Bauman construiu um arcabouço que nos leva a perceber o movimento migratório de uma maneira diferenciada, parte da própria sociedade, da globalização e da complexidade existente entre aqueles que se movem e os locais, ou ainda, o familiar e o outro.

Tais lentes suscitaram trabalhos acadêmicos sobre o tema, estes desenvolvidos por outros sociólogos que, no uso das lentes de Zygmunt Bauman, tentaram compreender os movimentos migratórios em meio à sua “modernidade líquida”, nuances estas explicitadas na próxima seção.

2 NOTAS ACADÊMICAS SOBRE MIGRAÇÕES TRAÇADAS NOS CAMINHOS DEIXADOS POR ZYGMUNT BAUMAN

O pensamento de Zygmunt Bauman sobre os movimentos humanos, inerentes aos processos migratórios, suscitou discussões no ambiente acadêmico, algumas delas sob a forma de trabalhos publicados no âmbito da sociologia, em livros e revistas científicas. O desafio de compreensão desse fenômeno é objeto de estudo e, na tentativa de tratar do tópico, serão expostas algumas reflexões ligadas ao foco pretense, baseadas em Bauman.

Ao longo das linhas tecidas na primeira seção deste artigo, percebe-se a preocupação de Zygmunt Bauman para com o tema, principalmente com base na obra *Globalização: as consequências humanas* (1999), a ampliação da abordagem por *Modernidade Líquida* (2001) e *Estado de Crise* (2014), e o retorno ao debate de maneira crítica e direta em *Estranhos à nossa porta* (2017).

A migração é um fenômeno global, complexo e crescente, determinado pelo movimento (voluntário ou não) de pessoas que buscam melhores oportunidades econômicas e sociais, bem como diferentes experiências e estilos de vida. Entender o migrar, com base na liquidez das relações sociais, é um dos pontos de partida dos escritos de Zygmunt Bauman, e o caminho escolhido por outros sociólogos para trabalhar a abordagem.

De acordo com Hall (2017), ao interpretar *Hermeneutics and Social Science*, escrito pelo sociólogo (1978), a “modernidade líquida” de Bauman (2001) compõe um veio de representações sociológicas originado no deslocamento e reordenação da sociedade organizada industrialmente, característica dos tempos modernos, pela automação, desindustrialização e importância de se produzir conhecimento e tecnologia. Assim, para Hall (2017), a “modernidade líquida”

supõe o imaginário social de uma nova condição básica da vida, uma qualidade apresentada na “[...] possibilidade social fundamental que pode tornar-se um traço (des)organizador em qualquer esfera da vida social. O ‘derretimento’ é uma condição geral, não a expansão de uma condição particular” (Hall, 2017: 280, tradução nossa).

Desta forma, ao citar alguns textos de Bauman que, na época em que seu artigo foi publicado, eram inéditos ao grande público, elaborados meses antes de sua morte e que seriam parte da segunda edição do livro *Handbook of Cultural Sociology*, Hall (2017) expõe diretamente o axioma de Bauman sobre as migrações. Segundo o autor, Zygmunt Bauman pensava que a migração, na Era Líquida, tornou-se descentralizada, dependente de regulamentação vertical e política, uma liquidez irreversível, parte da vida marcada por diferenças geradas pelas migrações. “A esperança do autor é que possamos enfrentar esses desafios com tolerância ou algo mais. No entanto, essa esperança é minada por projetos de identidade de todos os lugares, mesmo aqueles que supostamente exigem aceitação das diferenças” (Hall, 2017: 282, tradução nossa). Aqui está o aspecto recorrente das abordagens baumanianas: a identidade e a sua tentativa de autoafirmação em comparação ao outro, ao estrangeiro, àquele que “ameaça” uma ordem vigente e familiar.

A discussão identidade x estrangeiro está em trabalhos que aplicam diretamente as lentes deixadas por Zygmunt Bauman nas análises sobre a migração. Waldman M. (2011), ao abordá-la, encontra no sociólogo o eixo necessário para tratar dos movimentos humanos atuais tendo a literatura⁴ como mote. A autora, ao transformar a obra literária em tema de estudo, reconstrói a partir do personagem principal a oposição baumaniana entre os sólidos e a liquidez, ou seja, as certezas dos pontos de destino na confiança da estabilidade do trabalho e do pertencimento a um lugar em uma temporalidade retilínea, contrapostas à fluidez, ao predomínio

[...] da desterritorialização e o desenraizamento, a proliferação de empregos instáveis, o fluxo de capital extraterritorial e volátil, privatizando a desregulamentação, a instantaneidade que busca a gratificação imediata, os corpos de luz e os laços pessoais esporádicos e tênues; e em que instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções se transformam antes de atingirem sua solidificação [...] (Waldman, 2011: 53, tradução nossa).

4 A autora trabalhou em seu artigo um dos personagens centrais do romance *Austerlitz*, de Winfried George Sebald, que conta a história de um homem em busca de sua própria biografia, em uma mistura entre lugares, memórias e objetos.

Diante de tais incertezas, igualmente aflora a necessidade de uma âncora, algo conhecido, familiar e seguro, materializado no ressurgimento de identidades coletivas, com raízes territoriais e, neste conflito entre globalização e identidade, as fronteiras se tornam ainda mais porosas, em fluxos constantes de bens e pessoas (Waldman, 2011). Os movimentos humanos se intensificam, por meio da flexibilização, do intercâmbio de empregos, das tecnologias, pelo combate à exclusão, perdas econômicas, carência de benefícios sociais e a insegurança; condições estas que obrigam muitas pessoas a migrar.

Para Waldman (2011), nisto nasce o estranhamento do “eu” para com o “outro”, mencionado em diversos momentos por Zygmunt Bauman, no embate dos habitantes da “modernidade líquida” providos de ideias características da “modernidade sólida” – indivíduos com “experiência identitária” em construção, porém, passeantes livres em territórios trocados constantemente, provedores de contatos eventuais – que encontram o “outro” por mero acidente de percurso.

Essa inter-relação demonstrada revela as categorias “turista” e “vagabundo”, de Bauman (1999), sendo a última carregada pelo estigma da rejeição e da pobreza; pessoas condenadas a viverem em um mundo periférico, que as forcem ao movimento em muito não almejado – um “estrangeiro”, conforme a autora, e talvez a figura central da “modernidade líquida”, de Bauman (1999; 2001; 2017). Elas estão na lata de lixo que os governantes jogam problemas “incômodos” e de “difícil solução” (Bauman; Bordoni, 2014).

Apesar de não desenvolverem a sua pesquisa via obra literária, Sousa e Silva (2018) teceram um construto similar ao de Waldman M. (2011), debruçando-se na imagem do estrangeiro, das migrações e da convivência com o “outro”. Na definição do termo “estrangeiro”, os autores recorrem a Zygmunt Bauman para assinalá-lo como detentor de uma cultura própria que “aponta a esfera do não-eu”, qualquer coisa singular do universo conhecido e provocador de aproximações e afastamentos. Portanto, imigrantes “[...] são forasteiros. Eles vêm de outra terra e, na maioria das vezes, não têm permissão, condições financeiras ou mesmo uma perspectiva de volta para seu lugar de origem. Não são turistas, chegam sem ser convidados, e não podem voltar para o lugar de origem” (Sousa; Silva, 2018: 29).

Mais uma vez, na fluidez da modernidade, esses estrangeiros (entendidos vagabundos, estranhos, “os outros”) representam a debilidade da condição humana, fruto da instabilidade econômica e do desequilíbrio social, consequentes à globalização. Eles formam e engrossam as correntes migratórias tão temidas pelos Estados e, sem proteção ou documentos, escancaram a incapacidade dos países em prestar assistência a essas pessoas (Bauman, 2017).

Segundo Sousa e Silva (2018), a forma de se “proteger” do “outro” é a identidade, vislumbrada em algo fixo no meio da fluidez, que passa a exercer a função de elo entre aqueles que a compartilham; e o alheamento em relação ao estrangeiro se assevera no desconhecimento desse código comum ao grupo. Para os autores, nesta encruzilhada social, Zygmunt Bauman aponta três caminhos: a xenofobia (aversão), a mixofobia (aproximação) e o movimento centrípeto/centrífugo (momentos de fechamento/abertura ao diferente).

Em suas conclusões, os pesquisadores supracitados alegam que, pelas produções baumanianas, as ondas migratórias tendem a continuar, em um movimento ininterrupto de migrantes, no imperativo da necessidade do “reconhecimento do outro como sendo o ‘não-eu’”. Esse argumento é recorrente nas obras de Bauman (1999; 2005; 2014; 2017), por isso, uma reafirmação quando colocado no trabalho dos autores.

Da mesma forma, também a partir das interfaces ligadas ao entendimento de Bauman (1999; 2001), e Bauman e Bordoni (2014) sobre a globalização e suas implicações na causa/consequência dos movimentos migratórios (pelos temas populismo, separação, solidariedade, responsabilidade moral e diálogo), Santiago (2018) atrelou esta conjuntura, (além da globalização) à própria constituição do Estado como tal, criado para reger relações políticas, econômicas e sociais, regentes da vida em sociedade e das conexões entre países e territórios.

A globalização revelou atores que, de forma gradual, causaram mudanças estruturais, de maneira a diminuir o poder dos Estados, tornando a economia e o acúmulo de capital (pontos nefrágicos sociais), intensificadores dos movimentos humanos (físicos e virtuais); argumento este usado por Santiago (2018) para mostrar a tese de Zygmunt Bauman de que existe uma dicotomia entre os que possuem capacidade econômica (detentores de capital – turistas) e aqueles que não o possuem (vagabundos). Os “turistas” se deslocam para onde querem e os “vagabundos” são obrigados a se deslocar, “viajantes a quem foi negado o direito de se tornarem turistas” (Santiago, 2018: 115, tradução nossa) e, como previsto por Zygmunt Bauman, aumentam exponencialmente em número e quantidade.

Os fatores que levam indivíduos a migrar detêm alto grau de complexidade e causas multifacetadas: melhoraria das condições de vida, busca de empregos, educação de qualidade, reuniões familiares e alívio a dificuldades ocasionadas por desastres naturais, guerras, perseguição (política, étnica, religiosa), fome ou extrema pobreza.

Nesses aspectos é que se insere a fragilidade das relações humanas, ou ainda, o derretimento da solidez dos valores da “modernidade líquida”, de Bauman

(2001), pois as diferenças sociais e econômicas se acentuam e as fronteiras se tornam cenário de uma batalha, onde barreiras físicas e políticas são edificadas para evitar o contato com esses “vagabundos”, os “estranhos”, os “outros”.

Após análise de algumas obras de Bauman (parte delas considerada no construto apresentado), Santiago (2018) enfatiza que os obstáculos erigidos por governos agravam os contrastes entre os povos, de maneira a motivar sentimentos de estranheza e rejeição prejudiciais ao diálogo a respeito do tema e à vazão de soluções. Quanto mais o “nós” e o “familiar” se isolam do “outro”, mais inúteis tais tentativas se mostrarão, pois, para o autor, “o ‘outro’ é inevitável”.

Já Feitosa (2018) pontuou as questões ligadas à migração como condição instável vivenciada pela sociedade atual e por seus sujeitos, instituições e relações, cujas raízes estão nas crises e vulnerabilidades da “modernidade líquida”. Para o sociólogo, tais instabilidades apresentam dilemas à integração social “[...] não apenas porque questionam o ordenamento das motivações legitimadoras do Estado como agente supostamente incumbido pela proteção social, mas especialmente pelo fato de despertarem uma espécie ‘estágio mental de desconfiança permanente’ em relação aos ‘outros’” (Feitosa, 2018: 10).

O autor inicia seu texto indicando que falaria de migrações pela obra de Bauman *Estranhos à nossa porta* (2017), partindo da ideia dos “estranhos” e da forma a qual o continente europeu pontuava a questão, de maneira a nominá-la de “crise”. O “outro”, o “estranho”, passa a ser visto como perigo (Bauman, 2017) e a migração se torna “problema”, em que governos e políticos se dedicam a “resolver” na aprovação de leis que restringem as fronteiras e tentam frear as migrações, justificando seus discursos por perdas econômicas, risco de terrorismo e aumento dos gastos públicos, buscando ganhar respaldo e apoio populares.

Conforme Bauman (2017) e Bauman e Bordoni (2014) advertem, despertar a crítica e a rejeição para com os migrantes é recurso usado no redirecionamento de reivindicações sociais e na materialização, de acordo com Feitosa (2018: 13), dos “[...] sentimentos raivosos (ressentimentos) que acumulam toda indignação quanto às consequências maléficas da globalização”. As políticas que afetam a migração crescem no escopo de um processo político formado de interesses conflitantes, para gerar postulados permissivos mediante a necessidade de expansão econômica; e restritivos nos períodos de contração.

As políticas de imigração estão associadas igualmente a correntes ideológicas sociais amplas, tendendo a reservas perante a ameaça de qualquer crise e inclinando-se para o afrouxamento nos períodos de abertura necessária. Bauman (1999; 2001; 2005; 2017), ao definir as categorias “turistas e vagabundos”,

“eu e outro”, “estranhos e nós”, demonstra a vivacidade de tais posicionamentos oficiais por parte dos Estados, tão presentes na atualidade.

No campo sociológico, Zygmunt Bauman representa, em um caleidoscópio social humanístico, as faces dos atores envolvidos nesse jogo de interesses excludentes aos indivíduos que se deslocam e, nos caminhos acadêmicos percorridos por autores do campo da sociologia inspirados nele, percebe-se a contribuição desta grande personalidade na construção de um arcabouço que nos leva a entender as migrações de uma maneira diferenciada. Destarte, Bauman propõe uma leitura da sociedade sobre si mesma a partir das fissuras geradas pela globalização e da complexidade existente entre aqueles que se movem e os locais, ou ainda, o familiar e o outro, nuances estas geradoras de críticas e reflexões presentes na seção subsequente deste artigo.

3 OS “ESTRANHOS” E “NÓS”: LEITURAS “BAUMANIANAS” SOBRE OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Para Zygmunt Bauman, é consenso que os movimentos migratórios são antigos e as primeiras migrações ancestrais ocorreram no continente africano. Está registrado na história que há milhares de anos o *homo sapiens* saiu da África para o Oriente Médio e, a seguir, dispersou-se nos outros continentes como migrante. Entretanto, mesmo que se fale em “crise migratória” na atualidade, há algo novo (não inédito) na origem dos deslocamentos em massa e no padrão de respostas dado a eles.

Existe uma guerra de controle dos territórios, cujo objetivo é a subordinação do espaço social a um mapa oficialmente aprovado pelo Estado, que desqualifica outros mapas e desmantela os esforços cartográficos paralelos (Bauman, 1999). Para tanto, as fronteiras devem se manter fechadas para uns e permeáveis a outros.

Dentro da complexidade dos domínios territoriais tradicionais, as normas estabelecidas garantem a sobrevivência do tecido social, que se fortalece com a rotina e a observância habitual dos costumes, contribuintes do sistema (Bauman, 1977). Doravante, quando pontos divergentes perturbam o código, eles necessitam de medidas neutralizadoras de seus efeitos. Tal situação emergiu do derretimento dos sólidos modernos, suspeitos de limitar a liberdade individual, determinando a rigidez da ordem, ou a imposição de leis e barreiras na tentativa de isolamento dos Estados mediante os imigrantes que pedem entrada, uma garantia da não alteração de sua “geografia familiar”, termo usado por Bauman (2017).

Diferente das instituições que tratam das migrações, de governos e de teóricos incansáveis nos esforços para categorizar a figura do migrante (imigrante, refugiado, asilado, deslocado), Zygmunt Bauman observou o movimento em si daqueles que podem se mobilizar livremente (e se reportam ao construto social familiar) e dos forçados/optantes ao deslocamento.

Os “estranhos”, inseridos em uma realidade diferente, analisados na ótica do “estrangeiro”, são recorrentes em trabalhos da sociologia, baseados na obra de Bauman, conforme se percebe na seção anterior. Esse “estrangeiro” é fruto da liquidez moderna, que desenraizou o capital e o trabalho (Waldman, 2011), colocando em xeque crenças e valores até então vistos como basilares ao tecido social.

Nesse sentido, Massey (2015), analisando a sociedade em relação à globalização, entende nas forças estruturais criadoras da mobilidade, nas motivações pessoais/ conjunturais à globalização e nas políticas limitantes à entrada e à saída de migrantes, os fatores característicos à migração atual. Para Bauman (1999), a tarefa de tentar ordenar o processo retratado e as ligações sociais globalizantes exige recursos que somente o Estado, na forma de um aparelho burocrático hierárquico, é capaz de usar, apoiando-se no “tripé” das soberanias militar, econômica e cultural.

Essa discussão a respeito do Estado foi enfatizada por Hall (2017) e Santiago (2018), quando afirmaram que, no desfazer da “regulamentação vertical e política”, a liquidez acentuou as cores das diferenças geradas pelas migrações, na distinção entre os que possuem haveres econômicos e aqueles que o buscam incansavelmente. E as forças estatais, sem saberem quais ações promulgar, levantam muros para tentar “conter o problema”.

Para Zetter (2014), os governos, organizações intergovernamentais e atores humanitários na linha de frente do movimento de pessoas (predominantemente sul-norte); a combinação de múltiplas causas decisivas ao abandono de seus países; e o fato de este movimento ser majoritariamente desregulado (sem documentação) tornam as correntes migratórias uma profunda apreensão. Em parte, isso ocorre porque a escala e os padrões dessas motilidades imprevisíveis são percebidos nos impactos sociais e econômicos adversos nos países de destino, difíceis de gerenciar.

Conforme o autor supracitado, a explicação está no fato de os governos perceberem que o fluxo não regulamentado de imigrantes ameaça o controle soberano das fronteiras nacionais, o acesso ao território e os conceitos estabelecidos de associação estatal e cidadania. Por tais razões, países de destino com

agrupamentos regionais supranacionais criaram medidas restritivas para impedir a entrada através do controle das fronteiras.

Assim, quando a migração é necessária economicamente para suprir a escassez de mão de obra e incrementar a economia, os Estados diminuem suas restrições, tornando o ato de transpor as fronteiras mais brando. Do contrário, quando os migrantes se tornam uma ameaça econômica e da normalidade social, as regras são enrijecidas, e os políticos (auxiliados pela projeção da mídia) recorrem ao ato, buscando a aprovação popular e ajudando a convencer o eleitorado de que atendem às suas queixas ao sanar o incômodo (Bauman, 2017).

Ao perceber esses muros construídos para “proteger” o “eu” do “outro”, Bauman (2017: 13) descreve o tentame, usando as palavras do autor, pelos “estranhos” que batem à nossa porta – imigrantes e refugiados parados atrás dos portões, pedindo passagem.

Refugiados das bestialidades da guerra, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como o são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem ‘diferentes’ [...].

O aparecimento dos “estranhos” nas ruas não foi causado por “nós” e nem está em “nosso controle” sendo, portanto, recebidos com ressentimento e vistos no conjunto do colapso de uma ordem que perdeu força impositiva, imagem a qual a mídia “acostumou” seus espectadores.

O fluxo de refugiados impulsionados pelo regime de violência arbitrária a abandonar suas casas e propriedades consideradas preciosas, de pessoas buscando abrigo dos campos de matança, acrescentou-se ao fluxo constante dos chamados ‘migrantes econômicos’, estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde [...] (Bauman, 2017: 12).

Para o sociólogo, o quadro demonstra uma tragédia humana, nascida da indiferença e da cegueira moral, resultante dos sinais de que a opinião pública, em conluio com uma mídia ávida por audiência, criou “[...] uma espécie de codinome politicamente correto para a fase atual da eterna batalha dos formadores de opinião pela conquista e subordinação das mentes e dos sentimentos humanos” – e assim temos a convencional expressão “crise migratória” (Bauman, 2017: 07).

Pelo fato de a migração em massa não ser fenômeno recente, o “nosso modo de vida moderno” incluiu à sua descrição a produção de pessoas “redundantes”, localmente “inúteis” em razão do progresso econômico; ou localmente “intoleráveis” (Bauman, 2017), rejeitadas por conflitos e transformações sociais/políticas de subsequentes lutas por poder, na justificativa de emprego da expressão “crise”.

Frete a problemas econômicos, tensões nos relacionamentos mantidos entre as grandes potências e incertezas futuras, falar em crise se torna conveniente para muitos governos, que usam medidas exacerbadas para restringir suas consequências.

Os problemas gerados pela ‘crise migratória’ atual e exacerbados pelo pânico que o tema provoca pertencem à categoria dos mais complexos e controversos: neles, o imperativo categórico da moral entra em confronto direto com o medo do ‘grande desconhecido’ simbolizado pelas massas de estranhos à nossa porta. O medo impulsivo gerado pela visão de migrantes portando inescrutáveis perigos entra em luta com o impulso moral estimulado pela visão da miséria humana (Bauman, 2017: 104).

Dos trabalhos acadêmicos analisados na segunda seção deste artigo, não se tem menções diretas a esta crise, todavia, nas entrelinhas, percebe-se que os sociólogos citados tratam-na como fato a ser trabalhado a partir de suas consequências, mas Bauman (1999, 2014; 2017), ao endurecer as palavras em algumas passagens de suas obras, a exemplo das já citadas, mostra na crise o subterfúgio para se falar politicamente de migrações.

Imersos na modernidade fluida, Zygmunt Bauman vê nos imigrantes o comportamento de líquido em vasos comunicantes e o número deles tende a crescer rumo a um equilíbrio (e aqui o autor se interroga se ele existirá e quanto tempo demandará) aos níveis de bem-estar entre o Primeiro e o Segundo mundo globalizado.

Assim, os contornos determinantes de “familiar” e de “estranho” declaram os níveis sociais de rejeição. A rejeição e a exclusão visam a fazer o rejeitado/excluído a aceitar sua inferioridade, porém, as vítimas, em vez de aceitarem e a converterem em autorrejeição, preferem rejeitar os que as rejeitam (Bauman, 1999). Para tanto, recorrem à violência, visando a aumentar seu “poder de prejudicar”, única oposição ao controle dos que os excluem, pois, a rejeição transforma a localidade em uma fortaleza, reforça os efeitos mútuos e garante a fragmentação e o isolamento “na base”, “irmãos gêmeos” da globalização. Esses

são os dilemas identificados em Zygmunt Bauman por Feitosa (2018) dentro de um estágio permanente de desconfiança, no qual pequenos atritos são capazes de suscitar conflitos de grandes proporções.

Bauman (1977) também destaca a experiência comunitária como estrutura da concepção do outro enquanto modificação do “eu”, contudo, o sociólogo não explica a tendência da sociedade em subjugar-lo com categorias predefinidas, carregadas de uma conseqüente segregação espacial e social. Todavia, Waldman M. (2011), Hall (2017) e Sousa e Silva (2018) avultam uma discussão chave trazida pelo autor, importante a esta problemática: a identidade, o elo ao “familiar” e o isolamento do “outro”, no ato de partilhar e excluir. Perante o desconhecido, é comum o afastamento diante do medo em não se saber o que fazer ou quais situações esperar, e isso se aplica a culturas diferentes materializadas por pessoas vindas de lugares inexplorados e que, sem portarem um convite, tentam se integrar a um novo cotidiano.

No esforço de proteger a identidade, desigualdades são agravadas, novas correntes migratórias surgem regularmente e em consonância à própria movimentação das riquezas somadas, tendo nos predicamentos de Bauman (“turistas e vagabundos”, “eu e outro”, “estranhos e nós”) os retratos explícitos desse processo.

Nas discussões acerca do “eu” e do “outro”, tem-se a convergência dos trabalhos de Waldman M. (2011), Hall (2017), Sousa e Silva (2018), Santiago (2018) e Feitosa (2018), no afastamento pelos conflitos sociais entre ambos, face do cenário global e consequência da “modernidade líquida”. O poder e o capital estão descentralizados, a estabilidade foi substituída pela liquidez e as identidades coletivas passam a ser vistas como o único (e falso) sólido em meio ao esfacelamento das relações, de maneira a aprofundar ainda mais a hostilidade do “eu” para com o “outro”.

No mundo globalizado, mediante a reprovação das práticas territoriais “locais”, as elites nômades contam com o apoio popular, por meio de expulsões massivas ou “limpezas étnicas”, tanto nas fronteiras entre os Estados quanto em menor escala, ou, na concepção de Bauman (1999), perto de casa e nos espaços urbanos de convivência. Ainda citando as palavras do autor, a sociedade é estimulada a realocar esses estrangeiros das ruas das cidades, para que possam ser cercados e vigiados, evitando “constrangimentos”.

As próprias classificações de migração geradas por Estados, organizações internacionais e sociedade são para Zetter (2014) “rótulos”, pois o migrante voluntário e o refugiado são os extremos de um espectro em que a migração assume formas cada vez mais forçadas. Porém, uma característica nova dos padrões

contemporâneos de mobilidade é o crescimento dos migrantes em trânsito por países, na busca de acesso ao “Primeiro Mundo”, em vez de permanecerem em um país vizinho. São os “estranhos” que batem incessantemente à porta em busca de uma vida melhor.

Nesse caso, para entender a conexão entre mobilidade e localidade nos movimentos migratórios, tem-se a influência da divisão de classes, ao passo que as ordens são locais, as elites e as leis do livre mercado são translocais. Se a ordem local começa a atrapalhar, apela-se às leis globais para mudar os conceitos locais, porque a “globalidade” (mobilidade) está na igual capacidade de fugir dos problemas (Bauman, 1999).

Tais fatores convergem na ideia dos locais, forçados a permanecer no mesmo lugar e passíveis à criminalidade, assim como o outro (o estranho), o migrante, que carrega consigo o estigma da marginalização, alguém forçado ao movimento. Ambos são identificados enquanto “desclassificados” por “retratarem” imagem da pobreza e do indesejável em uma assimetria de poder cada vez mais evidente entre ricos e pobres, o norte (primeiro mundo) e o sul global (segundo mundo).

As populações sedentárias sitiadas não aceitam as regras do nomadismo da elite que as veem sinônimas de retardamento e atraso. Quando se trata de confrontos militares, Bauman (2001) afirma que essas elites do “moderno mundo líquido” percebem a estratégia territorialmente orientada das populações sedentárias como “bárbara” quando comparadas às suas “civilizadas”, e passam a ditar os critérios pelos quais as obsessões territoriais são classificadas e julgadas, criando mais ondas migratórias.

A separação espacial é um recurso para prolongar o mútuo isolamento no qual o ato de subjugar e o impacto submissor da lei criminal se tornam um “*must*”. O outro, na condição de estranheza forçada pelas fronteiras espaciais vigiadas, é mantido na categoria de estranho, despojado de individualidade, o que poderia impedir a estereotipagem e assim contrabalançar ou mitigar o impacto subjugador da lei (Bauman, 1999).

A origem desta constatação baumaniana é a redução do domínio das obrigações morais que o homem está disposto a admitir, cuja responsabilidade se torna objeto de atenção, não apenas durante as “curtas explosões” de solidariedade e preocupações geradas em discursos midiáticos e governamentais das tragédias dos migrantes. O impedimento é que, entre esses espaços de tempo, tende-se a viver em um mundo separado entre “nós” e “eles”. Isso não exige a negação da moral, mas coloca os impulsos morais a serviço da divisão e do antagonismo político.

Bauman (2017) projeta no futuro uma bifurcação que levará ou ao bem-estar cooperativo, ao se abdicar da visão do outro como um estranho invasor; ou à extinção coletiva, por não compreendermos a globalidade existente na limitação do “eu”, sem a capacidade de viver “lado a lado” com “estranhos” que podem ou não sustentar percepções semelhantes às nossas.

Uma pergunta é inevitável: qual caminho seguir? Antes da “extinção coletiva”, é necessário empatia, reconhecer a si no outro e entender que todos são humanos, pessoas em deslocamento tentando se encontrar e integrar algo maior a todos nós, chamado humanidade.

Migrantes são detentores de singularidades que, mesmo reconhecíveis, não diferem em essência do “nós”, devendo ser reconhecidos e respeitados, tendo direitos e individualidade assegurados. Esse é o caminho para um diálogo possível e, nos ideários de Zygmunt Bauman, suas resultantes levarão à compreensão mútua e a uma sociedade verdadeiramente mais humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, como a própria obra de Zygmunt Bauman, apresenta categorias de entendimento às movimentações humanas decorrentes da globalização, que geram reflexões sobre a compreensão das migrações. Isso porque, no ir e vir dos seres humanos, com os corpos entregues ao deslocamento, voluntário ou forçado, ocorre para o autor adjetivações singulares àquelas de caráter institucional ou governamental: os “locais” e os “globais”, os “estranhos” (estrangeiro) e “nós” (familiar), cujos significados se entrelaçam na relação do “eu” com o “outro”.

A conexão apresentada exemplifica a proposta inicial de investigação, focada em discutir os movimentos humanos na contemporaneidade, baseando-se nas premissas, ou “lentes de reflexão”, fornecidas por Bauman (1977; 1999; 2001; 2005; 2014; 2017), representadas nos elementos de seu escopo teórico e filosófico, apoiado nos aspectos da sociedade, da globalização e da conexão entre mobilidade e localidade.

O sociólogo se tornou uma referência quando tratadas as problemáticas atuais, considerado também um filósofo da contemporaneidade. Ele adquiriu admiradores dentro e fora da academia, e seus textos se tornaram a base para discursos, reflexões e pesquisas. Na interdependência entre os homens e as nações e a afirmação das desigualdades (dos normais e anormais) – do longe e do perto, do Primeiro Mundo (turistas) e do Segundo Mundo (vagabundos), do “nós” (familiar) e do “eles” (estranhos), emerge a desigualdade social na forma de se ver e tratar as migrações.

Tais relações permeiam diversos fenômenos empíricos, a sociedade, o processo da globalização e a instauração da conexão mobilidade-localidade, bem como a própria intersecção desses elementos com os movimentos migratórios, remanescentes na dicotomia entre “os estranhos” e “nós”.

Trabalhar a “modernidade líquida” é expor vidas abalizadas pela globalização e o deslocamento do capital, que se move desintegrando o mundo até então conhecido (permeado por valores que acompanharam a humanidade durante séculos), representados na estabilidade e na necessidade de se criar raízes. Ficam no caminho os retratos da segregação, marcas da desigualdade e do egoísmo na distinção absoluta do “eu”.

Na tentativa de propor uma discussão acerca dos movimentos migratórios, existe a pretensão de um despertar para a abordagem, pontuando a fundamental construção de pesquisas que investiguem fenômenos migratórios atuais, a exemplo das correntes migratórias constantes à Europa, traçadas por via terrestre e marítima, frequentes nos noticiários internacionais.

Entretanto, são limitados os trabalhos aplicando as lentes baumanianas, talvez pelo fato de ele ter se tornado popular devido à sua forma de escrita mais fluída, clara e direta, não sendo visto por alguns como teórico, e sim um pensador contemporâneo para o público em geral. Das reflexões acadêmicas usadas neste artigo, apesar de aplicarem a um objeto suas teorias, elas somaram pouco ao debate, funcionando, do contrário, na reafirmação dos argumentos do sociólogo.

Apesar do uso restrito da teoria de Bauman a certos campos (a exemplo da sociologia) sobre a modernidade líquida, nos âmbitos mais acadêmicos de estudo dos movimentos migratórios, o pensamento do autor e seu papel como parte da história desta o tornam importante para se entender o desenrolar dos movimentos humanos, as causas e, principalmente, os efeitos nos sujeitos deste grande mundo líquido e globalizado, que ficam à mercê de um Estado-nação, provedor de uma segurança não mais existente.

Sem este guarda-chuva de uma instituição protetora, que confira o direito de nacionalidade, moradia, saúde e à vida, os “estranhos” continuarão a navegar nos mares da modernidade líquida, submissos aos cruéis movimentos xenofóbicos e racistas, negadores do direito ao “ser” em supressão do “outro”.

Finalmente, entende-se que o uso destas categorias construídas por Zygmunt Bauman permite um olhar mais claro no conhecimento do fenômeno das migrações e de suas complexidades, acima de apenas rotulá-las. Contudo, existe uma grande certeza: para entendê-las, são exigidos mergulhos cada vez mais profundos em meio à liquidez moderna.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à Nossa Porta*. Rio de Janeiro, Zahar, 2017 (119).
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999 (148).
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005 (119).
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001 (280).
- BAUMAN, Zygmunt. *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977 (186).
- BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. *Estado de Crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2014 (192).
- FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos. Inseguranças, Incertezas e o Desalento Pós-Moderno: O Estado de Crise nos Últimos Textos de Zygmunt Bauman. *INTERthesis*. Florianópolis, v. 15, n. 2, maio/ago. 2018, pp. 01-18. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n2p1/36763>>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- HALL, John R. Bauman Líquido. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*. Ciudad del México, n. 230, maio/ago. 2017, pp. 273-266.
- MASSEY, Douglas S. A Missing Element in Migration Theories. *Migration Letters*. London, v. 12, n. 3, sept. 2015, pp. 279-299. Disponível em: <<http://www.tplondon.com/journal/index.php/ml/article/view/568>>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zigmunt Bauman. *Tempo Social*. São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004, pp. 301-325. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- SANTIAGO, Jaime Ruíz de. Sentido e Importancia de las Migraciones en un Mundo Líquido – El tema de los extranjeros en el pensamiento de Zygmunt Bauman. *Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos*. [S.I.], n. 17/18, dez. 2018, pp. 113-127. Disponível em: <<http://revista.ibdh.org.br/index.php/ibdh/article/view/378>>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- SOUSA, Dandara Peraro de; SILVA, Rafael Bianchi. A questão do estrangeiro na contemporaneidade: Uma leitura a partir de Zygmunt Bauman. *Revista Polis e Psique*. Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2018, pp. 24-44.
- WALDMAN M., Gilda. Identidades y extranjerías. Divagaciones a partir de Zygmunt Bauman. *Andamios*. Ciudad del México, v. 8, n. 16, maio-ago., 2011, pp. 49-70. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/anda/v8n16/v8n16a4.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

ZETTER, Roger. *Protecting Forced Migrants: A state of the art report concepts, challenge and ways forward*. Migration Reports. Bern: Swiss Federal Commission on Migration, n. 40, 2014.

Recebido em: 29/09/2020

Aprovado em: 30/12/2020

Como citar este artigo:

MOLIN, Elisiane Dondé Dal; CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo; CASTELLI, Yasmin Lenz Piccoli. Os “estranhos” e “nós”: movimentos migratórios sob as lentes de Zygmunt Bauman. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 153-175.